

PARTE I

Perspectivas teóricas em discussão

CAPÍTULO 1

Esperança virtuosa: um imperativo moral que transcende o sucesso

Kendra J. Thomas

Esperança não é a alegria que as coisas passarão bem, ou a vontade de investir em iniciativas que certamente terão sucesso, mas é a habilidade de trabalhar por algo porque é bom, não porque renderá sucesso.

Václav Havel

A esperança é inerentemente boa? Esperança que almeja alvos egoístas ainda pode ser chamada de esperança? Esperança é algo que precisa ser treinado e praticado? Ou é um sentimento passageiro ou traço de personalidade? Em outras palavras, esperança é uma virtude? Este capítulo visa a demonstrar a riqueza teórica da esperança como uma virtude, algo que visa o bem comum e deveria ser cultivado por todos. Este capítulo mostra as lacunas na forma como a psicologia atualmente mensura a esperança e descreve pesquisas qualitativas e quantitativas que permitem pesquisar a esperança como uma virtude com valor cívico e moral.

1.1 Esperança: uma virtude que visa ao bem comum e transcende o sofrimento

Muitas tradições filosóficas e religiosas consideram a esperança como uma virtude moral, algo a que todos deveriam almejar. Filósofos como Immanuel Kant e Tomás

de Aquino situam a virtude da esperança ao lado da fé e do amor e a descrevem como um imperativo moral que possibilita ações para um futuro melhor mesmo em meio às dificuldades e incertezas (Van Den Heuvel, 2020). A esperança não é um cálculo sobre a probabilidade de sucesso, mas um comprometimento contra a desistência e visando a um bem maior. Mais recentemente, a filósofa Nancy Snow (2018) desenvolveu a esperança como uma virtude cívica que possibilita indivíduos de comunidades a trabalharem juntos para fortalecer a democracia e o bem comum. A fé judaico-cristã caracteriza a esperança como uma das três maiores virtudes, ao lado da fé e do amor, com efeito transcendental e valor comunitário. Paulo Freire (1992/2014) descreveu a esperança como um imperativo existencial e histórico. Ele famosamente escreveu sobre a esperança como um verbo, e afirmou que *esperançar* é lutar contra a desistência e trabalhar ao lado dos outros para alcançar um bem maior. A descrição freiriana sobre a esperança advém de sua experiência profissional e pessoal como educador em condições precárias, batalhando contra a fome, o analfabetismo e contra forças sociais e políticas que sobrecarregam a ação e a boa vontade individual.

Essas definições ricas de esperança são especialmente relevantes para pais e professores, que diariamente devem submeter seus próprios desejos e visar ao que é bom para a criança ou o estudante a longo prazo. Eles ensinam e cuidam e o resultado é incerto e distante. Porém, a psicologia positiva e cognitiva, que hoje em dia é a maior fonte de pesquisa sobre esperança, tende a estudar a esperança que almeja o sucesso do indivíduo. Além do mais, o construto é estudado principalmente em países de alta renda e mobilidade social. Talvez seja por isso que a psicologia da esperança está descolada da riqueza filosófica e espiritual da humanidade.

1.2 As lacunas da psicologia da esperança

Um dos primeiros psicólogos a escrever sobre a esperança foi Erikson, que explicou que a esperança é cultivada no primeiro estágio da vida, quando o bebê aprende a confiar nos cuidados e afeto da mãe. Porém, a psicologia cognitiva logo operacionalizou a esperança e desenvolveu um questionário para quantificá-la. O questionário mais comum (no Brasil e no mundo) para medir esperança é do C.R. Snyder (1991), que inclui itens como “consigo pensar em muitos jeitos de resolver um problema” e “estou alcançando meus objetivos” e “me vejo como uma pessoa de sucesso”. A teoria da esperança (Snyder, 1991) tem muitos pontos fortes, enfatiza a iniciativa pessoal (o “querer”) e o poder do indivíduo em achar muitos caminhos para resolver um problema (o “acontecer”). Baseado nessa definição, uma pessoa com alto nível de esperança é motivada por um alvo e consegue gerar muitas estratégias para alcançá-lo. Nesse modelo, as emoções vêm depois dos pensamentos e

essas emoções ajudam a motivar os próximos objetivos e ações. Engajar-se em um plano requer muitos passos e cada um ajuda a promover o próximo passo que impulsiona o indivíduo para seu alvo. A teoria da esperança é um modelo que enfatiza o indivíduo e seus comportamentos como a fonte da esperança.

Em nossa visão, um ponto forte dessa teoria é como ela diferencia a esperança do otimismo. O otimismo não indica nenhuma ação, simplesmente a tendência a olhar pelo lado bom (Rand, 2018). Teóricos dessa perspectiva exemplificam a diferença assim: “tenho esperança de que vou correr na maratona porque estou treinando para isso e estou otimista de que não vai chover”. A esperança (definida pela teoria de esperança) é a ação e o preparo, mas o otimismo pode ser supersticioso ou ingênuo ou fora do controle pessoal (Rand & Touza, 2021). Para citar outro exemplo: um casal mora em uma casa antiga, de quase 100 anos. A esposa gosta do “charme” da casa e tem uma tendência a pensar que dará “tudo certo”. O esposo, mais pessimista (ou, como ele diz, realista), fica mais ansioso com possíveis reparos e pesquisa mais sobre a casa. A tendência dele em achar que existem problemas os levou a pagar por inspeções e aprender mais sobre a casa. A esposa se irrita às vezes com o pessimismo dele, mas também confessa que ele já os livrou de algumas complicações e o seu otimismo não teria gerado o maior bem comum (nesse caso, uma casa sem materiais tóxicos ou problemas estruturais). Em outro exemplo, apenas saber que alguém é otimista ou pessimista não explica quando esse alguém vai para o médico. Talvez o otimista não vá para o médico, pois acha que vai dar tudo certo, ou o pessimista não vai porque acha que vai receber notícia ruim e não vai ter nada que dê para fazer. Mas é a esperança (definida aqui na teoria da esperança) que promove a ação (ir ao médico) direcionada a um alvo (saúde). Uma empresa que conta somente líderes otimistas não se preparara adequadamente para futuros problemas. Uma empresa pessimista demais não tomaria os riscos necessários para alcançar novos mercados. A teoria da esperança explica que a esperança é distinta do otimismo porque sempre está ligada a uma ação direcionada a um alvo (Rand, 2018).

Essa distinção é um dos pontos mais importantes da teoria da esperança, e ajuda a explicar por que essa definição operacional prediz sucesso acadêmico, bem-estar e saúde física (Rand & Touza, 2021). Porém, a teoria não capta uma esperança que é virtuosa ou que é resistente às tragédias. Pela definição da teoria da esperança, um político corrupto ou empresário fraudulento poderia pontuar alto na variável “esperança”, contanto que esteja motivado a alcançar seu objetivo final (poder e dinheiro). Vários pesquisadores da teoria da esperança não veem esperança como algo virtuoso. Um resumo da pesquisa até chamou a esperança de algo com “valor neutro”, sem valência moral na definição operacional deles (Shorey *et al.*, 2002). Outro acadêmico contou sobre uma pesquisa que nunca foi publicada, mas que constatou valores altos

de esperança em membros de uma gangue no sul dos Estados Unidos. Ou seja, a esperança pode ser alta mesmo em grupos com alvos antissociais e violentos porque a escala não define esperança virtuosa.

Outro jeito comum de mensurar esperança vem das forças de caráter (Peterson & Seligman, 2004). Porém, esses itens quantitativos são “eu espero que coisas boas aconteçam na minha vida” e “tenho certeza de que posso superar momentos ruins”. Esses itens não diferenciam a esperança do otimismo. Alguém poderia assinalar “concordo plenamente” nesses itens sem ter os comportamentos indicados para alcançar os objetivos. Alguém poderia assinalar “concordo plenamente” nesses itens e ser ingênuo sobre adversidades da vida real ou egoísta nos seus alvos para o futuro.

Pensemos novamente no trabalho do Paulo Freire. Imagine uma professora que está trabalhando sessenta horas por semana para alfabetizar crianças e sacrifica muito do seu bem-estar para um alvo mais nobre. Ela tem esperança de que seus sacrifícios não sejam em vão. Talvez ela não se identifique com os itens de “espero que coisas boas aconteçam na minha vida” (Peterson & Seligman, 2004) ou “me vejo como uma pessoa de sucesso” (Snyder, 1991). Essas definições de esperança talvez sejam suficientes para estudar objetivos hedônicos ou prever o sucesso pessoal, mas são insuficientes para entender a esperança virtuosa. Se queremos estudar a esperança do Paulo Freire, do Kant, da fé judaico-cristã, ou qualquer outra tradição em que a esperança tem valor moral e coletivo, precisamos de um novo jeito de operacionalizá-la na pesquisa quantitativa.

Além de problemas teóricos, pesquisas da teoria da esperança mostram que essa mensuração de esperança inclina-se para grupos com maior privilégio. Uma pesquisa na África do Sul apontou que os homens, os mais ricos, e os grupos que sofrem menor discriminação racial tinham as maiores médias de esperança (Boyce & Harris, 2013). Se esperança fosse uma virtude moral e não um índice de privilégio, não deveria ter essa discrepância entre grupos socioeconômicos – principalmente virtudes que teoricamente necessitam de adversidade para se desenvolver. Esperança sem adversidade não tem relevância.

A psicologia positiva tem sofrido críticas por faltar desenvolvimento teórico. Porém, é uma linha de pesquisa muito nova, e que precisa de muita atenção. A psicologia deveria progredir e entender mais sobre o florescimento humano, não somente sobre seus vícios e vulnerabilidades. Visando a melhor estruturar suas pesquisas, muitos investigadores têm retomado as obras de Aristóteles sobre virtudes. Virtudes são hábitos que são cultivados intencionalmente e têm valor inato. Blaine Fowers, um psicólogo que está estruturando uma linha de pesquisa e mensuração de virtudes na psicologia, diz que virtudes na pesquisa quantitativas deveriam ter dimensões de valor cognitivo/conhecimento (não são ingênuos; entendem

a virtude), emocional/motivacional (não são egoístas; vêm de motivos bons) e comportamental (não são parados ou passivos; agem de acordo) (Fowers *et al.*, 2021).

A Jubilee Centre, na Universidade de Birmingham, criou uma estrutura teórica para definir caráter em quatro categorias: virtudes intelectuais (e.g. curiosidade), morais (e.g. generosidade), cívicas (e.g. solidariedade) e de performance (e.g. auto-confiança). Da maneira como a esperança é atualmente definida na pesquisa quantitativa, a esperança é um traço que auxilia na performance, que ajuda o indivíduo a conseguir o sucesso que deseja. Porém, para aproximá-la da riqueza teórica de Kant, Aquino, e nosso próprio Paulo Freire, precisamos defini-la como uma virtude que tenha peso e direção moral.

1.3 Pesquisa

1.3.1 *Exemplares de esperança*

Em busca de uma definição psicológica enraizada na ciência das virtudes, e que aprofunda o que já sabemos sobre a esperança, eu desenvolvi uma pesquisa qualitativa buscando pessoas que exemplificam a virtude da esperança. Fizemos uma pesquisa qualitativa inspirada no trabalho de William Damon (Damon & Colby, 2013), o qual explica que precisamos estudar as pessoas mais virtuosas para compreender a gama e amplitude do desenvolvimento humano possível.

Há quase oito anos eu apoio a uma ONG de desenvolvimento comunitário na África do Sul. Essa organização trabalha no lugar de maior incidência de HIV (vírus da imunodeficiência humana) no mundo, onde uma em cada duas crianças nascem HIV positivo, além de ser um país que sofre com alta taxa de desemprego e um sistema de governo marcado pelo apartheid. A África do Sul é o país com maior grau de desigualdade do mundo e é parecido com o Brasil, a pobreza é geograficamente justaposta à riqueza. A ONG organiza a comunidade para projetos comunitários e grupos de apoio e todos esses projetos são sustentados por voluntários que moram lá: mentoria de jovens, grupos de corrida, grupos de leitura para crianças e projetos de jardinagem nos quintais e nas escolas para promover nutrição infantil. É nesse contexto que devemos entender a esperança virtuosa. Qual é a virtude que permite alguém crescer nesse ambiente desigual e ainda assim se esforçar para melhorar o bairro, apesar de desvantagem e imobilidade social? Quais são as condições necessárias para permitir que alguém sem privilégio saia da mentalidade de escassez e trabalhe para um futuro melhor para a próxima geração, apesar de saber que seus sacrifícios apenas beneficiam o outro? É uma coisa estudar esperança num lugar de alta mobilidade social, com muitas oportunidades individuais para carreira e educação em benefício próprio, depois de alguns anos de trabalho. É outra coisa entender

a esperança que sobrevive ao sofrimento transcende a dificuldade e visa ao bem comum. A coragem não faz sentido sem o perigo. Para entender os mais corajosos, deve-se estudar as situações de alto perigo. Assim, a esperança é irrelevante sem o sofrimento e a dificuldade. Para estudar esperança, precisamos entendê-la na adversidade.

A ONG trabalha na comunidade há décadas, e nomeou treze pessoas que servem como exemplares em virtude da esperança. Esperança, na língua isiZulu, é *themba*, e é considerada como sinônimo das palavras fé e amor. Esses exemplares eram fazendeiros, professores, avós, trabalhadores de construção, e desempregados. Havia homens e mulheres entre 20 a 75 anos. (veja Thomas *et al.* [2022] para ler o trabalho completo). As entrevistas foram codificadas em três iterações, a primeira visando a comparações entre a teoria da esperança, a segunda procurando as dimensões da ciência das virtudes (cognição, motivação, comportamento; Fowers *et al.* [2021]) e a terceira analisou as entrevistas com codificação aberta para entender os temas mais pronunciados em predeterminação teórica.

Coerentes com a teoria da esperança (Snyder, 1991), os exemplares de *ithemba*/esperança falaram da iniciativa pessoal e da importância de achar muitos caminhos para resolver um problema. Porém, o foco deles era sempre nos relacionamentos e na fé. Ou seja, tinham a iniciativa e os caminhos da teoria da esperança, mas sempre ligavam as suas ações a um bem maior. Os alvos deles somente eram possíveis por meio de seus familiares, amigos e Deus, e suas ações eram inerentemente boas para sua comunidade. Por exemplo, um dos entrevistados falou que se inspirou na história de outros da comunidade para continuar trabalhando mesmo quando enfrentava dificuldades. Outro falava da importância da igreja e a importância de todos trabalharem juntos para o sucesso da comunidade.

Para alinhar-se ao trabalho de Fowers (2021) e a ciência das virtudes, as entrevistas foram categorizadas em esperança cognitiva, afetiva/motivacional e comportamental. A conclusão era de que a esperança virtuosa é uma disciplina *cognitiva* que tem uma visão específica e conhece as dificuldades que virão. Não é ingênua, mas tem esperança com olhos abertos para os problemas. A esperança virtuosa é *motivada* pelo bem comum, pensando em como suas ações influenciam outros. Os exemplares falavam sobre seu desejo de dar esperança para os outros e servir de exemplo para motivar os mais jovens a perseverar e ter esperança. E, por fim, os *comportamentos* da esperança virtuosa são de investir em outros, encorajar outros e doar para outros. A falta de esperança gera desistência coletiva, mas a esperança virtuosa requer ação intencional. Um dos entrevistados ponderou que lê livros para seu filho pequeno todo dia porque quer que os seus filhos um dia possam ir à faculdade. Um fazendeiro disse que tenta ajudar outros a conseguirem a verba para projetos agrícolas mesmo quando não tem dinheiro garantido para comprar sementes

para a sua própria plantação. O estudo definiu a esperança como *a busca ardente para realizar uma visão para o bem comum com intenção e ação, que surge da adversidade e é formada com relação a outras pessoas e ao transcendente* (Thomas et al., 2022).

Na codificação aberta, o que mais apareceu foi o sofrimento e a adversidade que eles já sofreram. Uma pessoa disse que a família inteira dela morreu e ela começou um jardim para assim sustentar sua família. Outro contou que tinha sido morador de rua por muito tempo. Um falou que os dois pais morreram na frente dele e outro vive com dor crônica na coluna. Um entrevistado contou que tinha que usar o primeiro salário dele para enterrar os pais que morreram de repente. Esses exemplos não são para chocar os leitores, mas só para aumentar o respeito pela esperança desses exemplares. O que ficou claro nas entrevistas é que não é o sucesso que define a esperança, é a adversidade.

A esperança dos exemplares não era ingênua. Por exemplo, uma entrevistada falou que está tentando achar emprego há quatro anos e continua desempregada por causa do alto nível de desemprego na comunidade. É provável que a próxima rejeição não vá abalar a esperança dela porque a esperança dela é uma convicção pessoal e não depende da próxima notícia que ela receber. Explicando assim, ela pode até ser pessimista (“vai demorar muito para conseguir um emprego”) e esperançosa (“vou continuar batalhando”).

Os entrevistados não foram excessivamente abstratos. Eles foram explícitos sobre as suas fontes de esperança (geralmente familiares, amigos e Deus) e seus objetivos (geralmente orientados para ajudar os outros). Os exemplares de esperança eram marcados pela fé e o apoio social que tinham e davam. Esperança virtuosa é uma disciplina cognitiva, motivada por um bem comum, e pessoas com essa virtude investem nos outros, contam histórias de resiliência e bondade, e fazem parte de um grupo que os apoia. O perfil era evidente. Agora, o próximo passo foi criar uma escala que mensurasse a esperança virtuosa para continuar a estudá-la.

1.4 Esperança virtuosa: uma alternativa para pesquisas quantitativas

Com base nessas entrevistas, geramos uma lista de trinta e três itens, com todos os temas oriundos das entrevistas com os exemplares de esperança. Cada item foi retrotraduzido em *isiZulu*, inglês e português para confirmar a fidelidade linguística das frases. Os itens foram aplicados em mais de quatrocentos participantes estadunidenses, duzentos sul-africanos fluentes em *isiZulu* e duzentos brasileiros. Por meio de análises fatoriais, identificamos doze itens que eram consistentes com os temas qualitativos e as três dimensões de virtude, os quais simultaneamente geraram a mesma estrutura fatorial nas três línguas/culturas.

A maioria das escalas na psicologia quantitativa são geradas no inglês e são aplicadas em participantes estadunidenses, com uma lista grande de itens para achar a estrutura fatorial que rende os melhores resultados com consistência interna, o que normalmente conduz à diminuição dos itens investigados. Somente após prontos e publicados no inglês, os itens são traduzidos para outras línguas. Criando toda a escala em uma só língua, não dá para fazer muito (somente deletar itens ou fazer leves modificações linguísticas) se a estrutura fatorial ou a construção cultural for muito diferente. Busquei achar (dos trinta e três itens) os doze melhores itens em três línguas e culturas, para criar uma escala que representasse bem o conceito cultural de esperança virtuosa. Claro que todo questionário sempre será embutido num contexto cultural, senão nem teria valor interpretativo. Mas, para criar um questionário que tenha valor para uma rede de pesquisadores internacionais, deveríamos pelo menos buscar um processo mais amplo para puxar a sabedoria de mais de uma linguagem e contexto cultural. Pilotando e finalizando os itens em três línguas e culturas distintas simultaneamente, a chance de uma escala transcultural é maior.

As análises fatoriais em todos os dados (português, inglês, *isiZulu*) convergiram numa escala final com doze itens e quatro subescalas, três itens cada uma (Thomas *et al.*).¹ A estrutura da escala foi construída com um forte alinhamento teórico e tem algumas maneiras de utilizá-la. Veja a Figura 1.1 para entender. As quatro subescalas são: *adversidade* (e.g. “Eu mantenho a esperança quando enfrento dificuldades”), *visão/propósito* (e.g. “Tenho razões específicas para crer que o futuro será melhor”), *bem comum* (e.g. “Concentro meus pensamentos em como meus objetivos ajudarão os outros”), e *encorajamento* (e.g. “Eu dou aos outros uma razão para ter esperança no futuro”). Essa escala pode ser usada como um valor só (a média de todos os itens), ou pode ser separada em subescalas representando as dimensões de virtudes (cognitivo, afetivo/motivacional, comportamental) que o Fowers e colegas (2021) defendem. Também podem ser agrupados em duas escalas de *força interna* (adversidade e visão cognitiva), e *braço estendido* (afetivo/motivacional e comportamental). Esses dois agrupamentos (seis itens cada) são conceitualizados na teoria. A virtude precisa tanto de uma convicção interna que supere desafios e tenha um propósito firme, como precisa do braço estendido que visa ao bem comum, tem comportamentos tangíveis de encorajamento – uma esperança contagiosa.

1 Artigo em processo de publicação (no prelo).

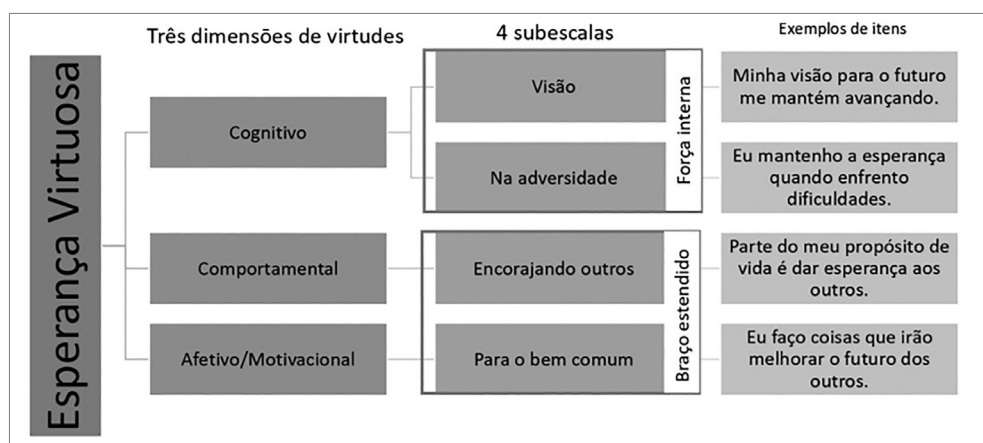


Figura 1.1 Estrutura da Escala da Esperança Virtuosa.

Fonte: Thomas *et al.* (under review).

Os dados iniciais do questionário mostraram que a esperança virtuosa é positivamente correlacionada com outras variáveis de virtudes morais, como a sensibilidade à injustiça. Pessoas que se diziam muito afetadas quando viam injustiça também eram mais fortes em virtude da esperança. Em comparação, a escala da teoria da esperança (Snyder, 1991) não era correlacionada com a sensibilidade à injustiça. Além do mais, a esperança virtuosa não era diferente entre classes sociais, etnia, ou entre homens e mulheres. Isso é importante porque a escala da esperança (Snyder, 1991) é tão centrada no sucesso que dados revelam que pessoas com maior privilégio têm médias maiores no questionário tradicional de esperança. A virtude da esperança não deveria ser diferente entre classes sociais, e isso foi confirmado por meio dos dados apresentados nesse novo questionário. Por exemplo, a amostra brasileira não tinha nenhuma correlação entre esperança virtuosa e nível de educação, nem com o nível de educação da mãe ou do pai, e não tinha diferença na virtude entre os adultos que tinham estudado em escola pública ou particular. Ou seja, a esperança virtuosa não é uma característica de privilégio socioeconômico. Não são apenas os mais ricos e privilegiados que têm esperança, porque esperança virtuosa não é ter alta probabilidade de sucesso, mas é uma convicção moral de contribuir para algo bom.

1.5 Diálogo

Existem líderes famosos tanto no Brasil como nos EUA e na África do Sul que falam de uma esperança virtuosa. Não é um conceito alheio a nenhuma dessas culturas. Nos Estados Unidos, Dr. Martin Luther King Jr, líder e mártir do movimento de direitos civis, pregou muito sobre a esperança como uma virtude. No último discurso

público dele, na véspera de seu assassinato, ele falou que conseguia ver a terra prometida, mas que não conseguiria alcançá-la. Ele pregava sobre esperança, mas uma esperança sofrida, que almejava a justiça social, e não seria alcançada durante a sua vida, e que certamente não era o caminho mais próspero nem confortável, mas era algo cultivado com cuidado e convicção.

Na África do Sul, Nelson Mandela proliferou a ética e a filosofia africana de *ubuntu*, muitas vezes traduzido como “humanidade para com os outros”, ou “eu sou, porque nós somos”. Essa ética foi fundamental para o movimento não-violento que trouxe a democracia e derrubou o apartheid. Nas entrevistas qualitativas que fizemos, um dos entrevistados fez a ligação entre *ubuntu* e a esperança. Ele falou: “Acho que o propósito da esperança é derrotar a desistência, porque quando as pessoas perdem a esperança, elas desistem. Há um ditado *Zulu* que diz ‘eu sou porque nós somos’ [*ubuntu*]. Isso também significa que você pode ver esperança em outras pessoas e esperança pode trazer unidade... Eu acredito que a esperança pode combater coisas como desigualdade na comunidade”. Essa esperança certamente tem valor moral e cívico.

No Brasil, Paulo Freire escreveu a *Pedagogia da esperança* (1992/2014) como um livro para rever muitos dos temas da *Pedagogia do oprimido*. Ele dedicou sua carreira à luta pela justiça e igualdade na educação. Para Freire, o “esperançar” é um verbo que chama pais e professores e líderes comunitários para trazer justiça, não porque as coisas certamente renderão, mas por um imperativo existencial. Freire explica que a esperança precisa reconhecer o sofrimento e não “fugir do real” ou “ocultar a realidade”. Quando não reconhecemos a adversidade, estamos proliferando a desigualdade. Um professor que simplesmente acha que vai dar tudo certo, e se engaja num otimismo sem base na realidade, não está sendo esperançoso. A esperança freiriana possibilita o relacionamento entre o professor e o aluno, engajando o primeiro na difícil tarefa de ensinar, não só de dar aula. Baseados nisso, entendemos que a esperança virtuosa começa com o reconhecimento da adversidade, e é virtuosa por pensamento, intenção e ação para o bem comum.

Essas três figuras (King, Mandela, Freire) não conseguem representar a cultura ou a história de cada país, mas demonstram que a esperança é amplamente entendida como uma virtude com peso moral. Ter e praticar esperança não é questão de estilo pessoal ou traço de personalidade, é uma convicção pessoal e é praticada porque “é certo”, não por otimismo ou ambição própria.

1.6 Reflexão pessoal

Apesar do nome americano, eu sou brasileira, e desejo gerar pesquisas que tragam valores e vozes humanas do mundo majoritário. A ciência do desenvolvimento

moral tem que explicar o ser humano que nasce e cresce em ambientes onde o sucesso não é a simples equação do esforço e da personalidade, onde o destino ideal de cada modelo estrutural não é o que explica a felicidade individual. Às vezes, a psicologia positiva (principalmente a estadunidense) parece ignorar a violência e a desigualdade, e sem essa consciência, é difícil entender a profundidade das virtudes necessárias para comunidades prosperarem. A psicologia tem que estudar as pessoas que vivem em ambientes onde as virtudes necessitam peso moral, porque a corrupção e a crueldade estão próximas e requerem coragem, fé e esperança.

O conceito de esperança virtuosa não é uma definição nova para a humanidade. O ser humano tem uma história ampla de compreensão da esperança como um valor existencial e uma convicção moral. Contudo, na psicologia positiva, a definição da esperança ficou perdida no otimismo, no sucesso provável e na ambição individual. Para reavivar o estudo da esperança como uma virtude moral, precisamos buscar a sabedoria do mundo majoritário, dos fazendeiros sul-africanos, do líder de direitos civis e da professora da rede pública; pessoas que reconhecem que a esperança tem valor para um bem maior. É a adversidade que prova a esperança, demonstrando que não é otimismo raso e achatado, mas é esperança profunda e multidimensional e moral.

Em parceria com a mesma ONG sul-africana, lancei um estudo longitudinal de esperança virtuosa de mães e avós ao longo de dois anos. Essas mulheres se engajaram num projeto social para apoiar o desenvolvimento social das crianças e receberão visitas em casa, lições, livros em *isiZulu* e grupos de apoio. Essa iniciativa ajudará a entender como a esperança virtuosa se desenvolve e se espalha. Precisamos entender os seus preditores e quais características são necessárias para que a adversidade resulte em esperança, não em desamparo. Portanto, temos muito a aprender.

1.7 Convocando pesquisadores

Pesquisadores brasileiros têm muito a contribuir para essa linha de pesquisa. O país sofre com a desigualdade social, polarização política, e problemas sociais cuja magnitude ameaça o poder do indivíduo e requer sacrifício próprio e transcendência do sucesso imediato. A disciplina e a pesquisa quantitativa da psicologia têm o poder de gerar diálogo. Por exemplo, quando a psicologia começou a falar sobre autoestima, livros e práticas educacionais dispararam ao redor desse conceito. Quando psicólogos começaram a estudar o tema bullying, a palavra se espalhou rapidamente e logo pais e professores adaptaram a nova linguagem ao português. O que estudamos e como mensuramos esses construtos impacta a sociedade. Estudar a esperança que visa apenas ao sucesso individual não ajudará pais, educadores, tios e tias, e voluntários que lutam e se sacrificam pelo outro. É preciso entender e prezar a esperança que não

tem garantia de sucesso, a esperança que se afina nos alvos de longo prazo, a esperança que transcende o otimismo e visa ao bem comum. Se psicólogos estudarem esperança virtuosa, podemos influenciar o diálogo e dar mais apoio aos que mais precisam. Pesquisas podem ser conduzidas com professores para entender se esperança virtuosa ajuda a combater o burnout, ou se influencia as práticas educacionais ou o desenvolvimento moral dos alunos. Podemos pesquisar se a esperança virtuosa coletiva auxilia comunidades a se organizarem para mutirões, ou campanhas contra a dengue ou contra poluição e, ainda, outras mudanças que promovem a cidadania e o bem-estar comum. Precisamos entender se a esperança virtuosa ajuda pais e avós a escolherem práticas parentais que buscam o bem-estar dos filhos a longo prazo, como a leitura de livros, práticas consistentes e sensíveis de disciplina, sem sucumbir a práticas autoritárias ou permissivas de curto prazo. Dentro da própria esperança virtuosa, podemos entender diferenças e relacionamentos entre as dimensões de adversidade, visão, bem comum e encorajamento, e como elas se desenvolvem e interagem com as variáveis da escola, família, ou comunidade. Tem muito que podemos aprender, mas mudar a definição operacional de esperança na pesquisa quantitativa pode gerar um novo entendimento de esperança na psicologia, uma definição que se alinha com a riqueza humana da busca pela esperança. A falta de esperança é a perda do futuro. Não podemos deixar isso acontecer nas nossas escolas e nas nossas famílias. É o nosso dever moral.

REFERÊNCIAS

- Boyce, G. & Harris, G. (2013). Hope the beloved country: hope levels in the new South Africa. *Social Indicators Research*, 113, 583-597. <https://doi.org/10.1007/s11205-012-0112-y>
- Damon, W., & Colby, A. (2013). Why a true account of human development requires exemplar research. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 124, 1-84 <https://doi.org/10.1002/cad.20046>
- Erikson, E. (1950). *Childhood and society*. W.W. Norton.
- Fowers, B. J., Carroll, J. S., Leonhardt, N. D., & Cokelet, B. (2021). The emerging science of virtue. *Perspectives on Psychological Science*, 16(1), 118-147. <https://doi.org/10.1177/1745691620924473>
- Freire, P. (2014). *Pedagogy of hope: reliving Pedagogy of the oppressed, with notes by Ana Maria Araújo Freire* (R. R. Barr, Trans.). Bloomsbury. (Trabalho original publicado em 1992).
- Kant, I. (1985) *Critik der praktischen Vernunft*. (L.W. Beck, Trans.) *Critique of practical reason*, book II, ch. 2, sections IV, V and VI. (Trabalho original publicado em 1788).
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. Oxford University Press and Washington, DC: American Psychological Association.
- Shorey, H. S., Snyder, C. R., Rand, K., Hockemeyer, J. R., & Feldman, D. B. (2002).

- Somewhere over the rainbow: hope theory weathers its first decade. *Psychological Inquiry*, 13(4), 322-331.
- Snow, N. E. (2018). Hope as a democratic civic virtue. *Metaphilosophy*, 49(3). <https://doi.org/10.1111/meta.12299>
- Snyder, C. R., Harris, C., Anderson, J. R., Holleran, S. A., Irving, L. M., Sigmon, S. T., *et al.* (1991). The will and the ways: development and validation of an individual-differences measure of hope. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 570-585.
- Rand, K. (2018). Hope, self-efficacy, and optimism: conceptual and empirical differences. *The Oxford Handbook of Hope*, 45-58. Oxford University Press.
- Rand, K. L. & Touza, K. (2021). Hope theory. In C. R. Snyder & S. J. Lopez, L. M. Edwards, & S.C. Marques (Eds.), *The Oxford handbook of positive psychology* (3rd ed., pp. 425-442). Oxford University Press.
- Thomas, K. J., Namtu, M., & Ebert, S. (2022). Virtuous hope: moral exemplars, Hope Theory, and the centrality of adversity and support. *International Journal of Applied Positive Psychology*. DOI: 10.1007/s41042-022-00083-1
- Thomas, K., Rand, K., Rogers, S. & Witvliet, C. (*under review*). Virtuous hope scale: a theoretically grounded, multi-lingual project in English, isiZulu and Portuguese.
- Van den Heuvel, S. (2020). *Historical and multidisciplinary perspectives on hope*. (pp. 47-60). Springer.

